



CONAHP
Congresso Nacional
de Hospitais Privados **2024**

**A EDIÇÃO DOS
RECORDES!**

PALCO

**SAÚDE DO
FUTURO**



anahp
associação nacional
de hospitais privados

HÁ 23 ANOS PROMOVENDO
QUALIDADE E ÉTICA NA SAÚDE



CONAHP 2024:

A maior edição da história em tamanho, público e inovação

O Conahp 2024 já começou sendo considerado uma edição recordista. O evento cresceu em tamanho e em público, ocupando 3 pavilhões do Transamerica Expo Center (ou 16 mil m²), em São Paulo, e contou com a presença de 6.430 pessoas. Além disso, neste ano o maior congresso de saúde do Brasil incluiu mais um palco em sua programação – totalizando 6 espaços para debates sobre diferentes aspectos do setor de saúde,

contou com um hospital do futuro interativo montado dentro do evento e somou mais de 160 parceiros e patrocinadores que levaram diferentes soluções para a feira de exposição e networking do evento.

Nos dias 16 e 17 de outubro, o Conahp recebeu autoridades, como a ministra da Saúde, Nísia Trindade, parlamentares, conselheiros da Associação Nacional de Hospitais Privados – Anahp, representantes

de todos os elos da saúde, além de lideranças e personalidades da saúde nacional e internacional, que marcaram presença entre os congressistas e nos palcos.

Todo o conteúdo do congresso foi dividido entre o Palco Central e outros cinco temáticos: Saúde do Futuro, Inovação, ESG, Assistencial e Pessoas. **Neste e-Book você encontrar a cobertura completa do Palco Saúde do Futuro.**

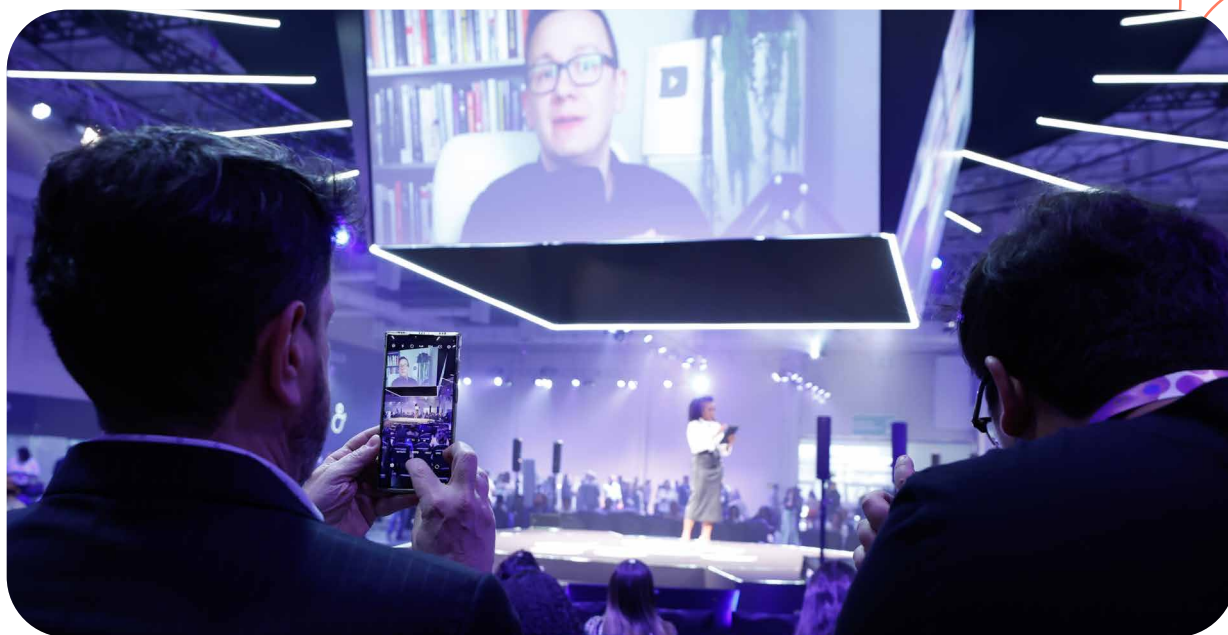
PALCO

SAÚDE DO FUTURO

Este palco, uma das grandes novidades da edição deste ano, abordou as transformações que impactam a saúde global e exigem um olhar capacitado para traçar caminhos inovadores para o cuidado.

Confira, a seguir, a cobertura dos debates do Palco Saúde do Futuro do Conahp 2024.





Bertalan Meskó, conhecido como “futurista médico”, abriu as apresentações no Palco Saúde do Futuro.

Medicina do futuro: incorporação de novas tecnologias é mandatário, mas enfrenta desafios de mudanças de paradigma

O uso de tecnologias para melhorar a qualidade e a eficiência do setor de saúde é uma realidade para muitas instituições, mas, ao mesmo tempo que prometem ser a solução para problemas comuns a quem atua na área, a implementação ainda é considerada lenta. Bertalan Meskó, diretor do Medical Futurist Institute conhecido como “futurista médico”, que abriu as apresentações do palco Saúde do Futuro, inédito na história do Conahp, indicou algumas razões para este cenário estar como está, que passam por falta de preparo do setor como um todo, recursos financeiros e receio dos profissionais.

Segundo Meskó, a saúde não foi “desenhada” para estar aberta à inovação e isso têm trazido impacto significativo ao setor. Porém, é preciso considerar que as mudanças que se fazem necessárias à saúde têm a ver com uma nova realidade e tendência mundial: as pessoas estão vivendo mais e o índice de doenças crônicas vem evoluindo. A tecnologia se encaixa neste cenário como uma solução que pode promover mais eficiência na assistência e contribuir para aumentar o acesso. Um exemplo de como isso se dá na prática é a telemedicina.

Mas também há o desafio financeiro. A maioria dos países não possui recursos suficientes para a adoção de inovações tecnológicas. Na visão de Meskó, isso logo deve acarretar uma questão ética, já que incorporar inovações é um movimento caro e, portanto, o acesso ainda será muito limitado entre a população em geral.

A terceira razão apontada pelo médico como um fator limitador da expansão da tecnologia na saúde é o medo. Para ele, especialmente os médicos temem ser substituídos por novas soluções que surgem a cada dia. “A

revolução da saúde é tecnológica e cultural, trata-se de uma mudança de paradigma. Antes, a medicina estava em um pedestal, mas hoje isso não existe mais, pois o conhecimento está mais disponível”, declarou.

Meskó também trouxe para o debate as principais tendências do setor, em sua visão. A primeira delas se refere ao conceito de *patient design*, que tem a ver com colocar o paciente no centro do cuidado. Segundo o futurista, hoje as pessoas se sentem “empoderadas” para gerenciar sua própria saúde de acordo com suas prioridades, dentro de um parecer médico. Por isso, ele acredita que, faz parte dessa mudança de paradigma que os profissionais e as instituições de saúde invistam em um processo de cuidado muito mais colaborativo – em que o paciente deixa a posição passiva para participar ativamente do seu tratamento.

“Queremos ouvir o paciente e queremos que ele seja um personagem ativo no seu próprio cuidado. Nosso papel, como profissionais de saúde, é o de envolvê-lo até mesmo no nível mais alto da tomada de decisão. Uma das principais questões do futuro da medicina é descobrir como engajar o paciente, e a tecnologia pode ser a ferramenta que vai nos ajudar nessa conexão com o paciente”, disse Meskó.

A globalização foi a segunda tendência apontada pelo médico. Para ele, o acesso aos serviços individualizados de forma global fará toda a diferença no futuro, e deu como exemplo empresas que passarão a oferecer exames laboratoriais por smartphones. “É o conceito da tecnologia que pode ser melhorada e fornecida por dispositivos, e acessada por todos”, afirmou. Já é possível mapear alguns movimentos nesse sentido ao perceber a entrada no setor da saúde de *big techs* como Google, Apple e Amazon, que têm apostado cada vez mais nessa área.

Quando se trata de inteligência artificial (IA) e sua aplicabilidade, Meskó destacou que é importante lembrar que, ainda que já seja possível se beneficiar de habilidades de reconhecimento de padrões em grandes conjuntos de dados para resolver problemas de classificação e *clustering* baseados em texto, voz ou imagem, estamos longe de vivenciar essa tecnologia com potencial mais eficaz.

Segundo ele, ainda estamos no primeiro nível da IA, o que ele chama de IA estreita: um algoritmo que pode se destacar em uma tarefa única definida com precisão, mas que tem quociente de inteligência zero. “O próximo nível ainda não foi alcançado, mas sua capacidade cognitiva atinge os níveis huma-

nos. A IA poderá raciocinar, argumentar, memorizar e resolver problemas como qualquer pessoa”, comentou.

Para além dos benefícios relacionados a tratamentos e diagnósticos, Meskó também lembrou do potencial das tecnologias no que diz respeito a melhorar a relação médico-paciente. “As inovações tecnológicas devem ser usadas como apoio ao profissional de saúde, tirando dele a responsabilidade sobre tarefas burocráticas para que possa dedicar mais tempo a ouvir o paciente.”

Em relação ao receio dos médicos perderem seu papel com a introdução de tecnologias no setor, o especialista destacou que essa questão será resolvida quando o médico entender efetivamente os benefícios da tecnologia na sua rotina. “Não devemos nos ater em discutir a tecnologia em si, mas sim as vantagens e como ela pode contribuir para a melhoria do atendimento. Se todos estivermos alinhados e entendermos que ela pode trazer valor, vamos adotá-la rapidamente”, finalizou.



Alexandre Fioranelli (ANS), Silvia Boghossian (Complexo Américas do Grupo Amil), Priscilla Franklim Martins (Boston Scientific) e Miyuki Goto (AMB) participaram de debate no Palco Saúde do Futuro.

Sessão patrocinada:

**Boston
Scientific**

Avançando a ciência pela vida™

Tecnologias disruptivas precisam ser encaradas como aliadas na otimização de recursos e não mais como custos, segundo debatedores

Já está claro que as inovações tecnológicas podem significar um avanço importante para a saúde quando se trata de qualidade, segurança e otimização de recursos. Mas o rápido desenvolvimento de novas soluções coloca o setor frente a diversos desafios referentes à incorporação, desde recursos, avaliação de real necessidade e, até mesmo, capacitação profissional. Entre eles, está também a burocracia dos processos hoje necessários para adoção e ampliação do acesso a essas tecnologias, assunto debatido na plenária pa-

tracinada pela Boston Scientific no Conahp 2024. Participaram dessa discussão representantes da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), da Associação Médica Brasileira (AMB) e do Grupo Amil. A mediação das discussões foi feita por Priscilla Franklim Martins, diretora de Contas Estratégicas na Boston Scientific.

Para os palestrantes que compuseram este debate, que partiram do ponto de vista da saúde suplementar, ainda há muito a se avançar na análise sobre as in-

corporações e há a necessidade de repensar os processos para que essas soluções, consideradas disruptivas, passem a fazer parte do Rol de Procedimentos da ANS com mais rapidez.

Alexandre Fioranelli, diretor de Normas e Habilitação de Produtos da ANS, explicou que a Agência, ao receber uma solicitação de inclusão, atualmente tem um prazo de seis meses para avaliar a tecnologia; no caso dos medicamentos oncológicos, esse prazo cai para 120 dias, podendo ser prorrogado por mais 60. Ini-

cialmente, pontos como eficácia, segurança, quem será beneficiado com a tecnologia e qual seu objetivo são analisados com base em evidências científicas. Depois, uma segunda avaliação é feita levando em consideração o impacto orçamentário e a capacidade instalada. Ou seja, o objetivo é entender se tal tecnologia tem condições de ser incorporada em todas as regiões do Brasil.

Na visão da assessora técnica da AMB, Miyuki Goto, o principal desafio atualmente está em demonstrar os ganhos sociais que essas inovações podem proporcionar, como oferecer meios para melhorar a qualidade de vida da população, garantir um retorno mais rápido às atividades do dia a dia para os que precisam ser hospitalizados e, até mesmo, diminuir chances de complicações e risco de morte, por exemplo. Mas este não deve ser um trabalho só das agências reguladoras: “Agora, estamos discutindo a chegada da cirurgia robótica. Mas, tanto nós da AMB, quanto as sociedades de especialidades, precisamos discutir como essa tecnologia poderá ser incorporada, porque hoje ela atende a apenas um pequeno número de pacientes”, declarou.

Segundo os painelistas, é chegada a hora de a tecnologia deixar de ser encarada como custo para assumir seu papel de aliada na otimização de recursos, na melhoria dos desfechos e na

promoção de qualidade de vida para as pessoas. No que Fiorelli concordou: “Isso nos leva a pensar que precisamos descobrir como, daqui para a frente, vamos fazer uma avaliação abrangendo diversos aspectos.” O diretor também lembrou que, apesar dos prazos para as avaliações da ANS, caso a Agência não consiga cumpri-los, a tecnologia pode ser incorporada automaticamente. “Uma operadora pode incorporar a tecnologia que julgar trazer benefícios à sua operação, mesmo que ainda não tenha sido incorporada ao Rol”.

No Grupo Amil, contou Silvia Boghossian, coordenadora do Serviço de Arritmia, Eletrofisiologia e Estimulação Cardíaca, os gestores estão abertos e incentivam que os médicos apresentem propostas e observações em relação a novas soluções tecnológicas, apontando diferenciais em relação ao que o mercado já possui, o custo-benefício, as vantagens em relação à eficiência operacional e assistencial, como redução do tempo de internação e permanência em salas cirúrgicas. “Esse debate é estimulado e, em alguns casos, a tecnologia é incorporada antes mesmo de ser incluída no Rol da ANS”, contou.

Um exemplo dado por Boghossian do Grupo Amil foi a incorporação de uma tecnologia chamada Ablação por Campo Pulsado (PFA), que é utilizada para tratamento da fibrilação atrial e ainda

não faz parte do Rol. Essa tecnologia foi aprovada em tempo recorde pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) diante dos diversos benefícios comprovados para o tratamento de uma doença que, segundo estimativa da Sociedade Brasileira de Cardiologia, afeta cerca de 5 milhões de brasileiros. Segundo Boghossian, o quadro pede rapidez, pois trata-se de uma condição que pode evoluir para acidente vascular cerebral (AVC). “O custo médio anual de um paciente com AVC no Brasil é de R\$134 mil. Ao incorporarmos tecnologias disruptivas como essa, teremos um ganho para todo o sistema de saúde.”

Fioranelli destacou também outro ponto essencial no cenário de incorporação: a Avaliação de Tecnologia em Saúde (ATS), ferramenta usada há bastante tempo, mas que vem sendo desafiada com a chegada de tecnologias cada vez mais específicas e deve assumir um novo papel relacionado ao diagnóstico e tratamento de doenças raras. “Precisamos evoluir com a ATS para administrarmos as tecnologias disruptivas que estão sendo pensadas para atender a essas condições.” Fioranelli também declarou que acredita ser necessário que tenha uma agência única capacitada a olhar o sistema de saúde como um todo, inclusive para avaliar as novas tecnologias que estão surgindo.



Pedro Schestatsky falou sobre o paciente do futuro no Conahp 2024.

Médico e paciente devem trabalhar juntos para construir o cuidado do futuro; e tecnologia é a grande aliada dessa relação

O paciente vem assumindo um papel cada vez mais importante nos cuidados com a sua saúde, agindo como o protagonista da sua história e das suas decisões. “Nesse mundo novo, o médico também está mudando de papel, sendo visto cada vez mais como um curador do que como um oráculo do saber”, declarou Pedro Schestatsky, CEO da NEMO Neuromodulação e autor do best-seller “Medicina do Amanhã”, durante sua palestra no Conahp 2024 intitulada “Paciente do futuro: o protagonista da própria saúde”.

Schestatsky acredita que “estretar os laços” da relação médico-

-paciente é uma das estratégias fundamentais para tornar um tratamento efetivo. Pensando nisso, ele apresentou como base o que chamou de “Medicina dos 5Ps”. Explicando melhor esse conceito, Schestatsky defendeu que a medicina precisa ser:

- Preditiva: isso é possível por meio do uso de dispositivos vestíveis e também com a prática da medicina genética, meios que auxiliam na detecção precoce de problemas de saúde;
- Preventiva: manter a saúde é uma medida mais inteligente do que tratar uma doença já diagnosticada;

- Proativa: a medicina reativa é cara e, atuando proativamente, pode-se alcançar uma melhor qualidade de vida dos pacientes;

- Personalizada: cada indivíduo é único e, portanto, cada paciente demandará um cuidado diferenciado;

- Parceira: o médico assume a posição de curador de dados de seus pacientes, ou seja, sai de cena a figura paternalista e entra a do parceiro, criando um relacionamento horizontalizado.

Entre os exemplos apresentados por Schestatsky como forma de viabilizar essa “nova” medicina, estão o uso de capacetes capazes de detectar crises epilépticas antes que elas ocorram; chip implantado no corpo que carrega informações vitais fundamentais para casos de atendimento de urgência em uma unidade de saúde.

Dentro da “medicina proativa”, o médico destacou como exemplo um programa desenvolvido por ele, o MAP (Movimento, Alimento, Pensamento), que tem como

público-final seus pacientes. “Criei um programa de sete semanas contemplando cada uma dessas letras, e vou aumentando progressivamente a intensidade das atividades relacionadas a elas de modo que, no final, o programa esteja completo”, explicou.

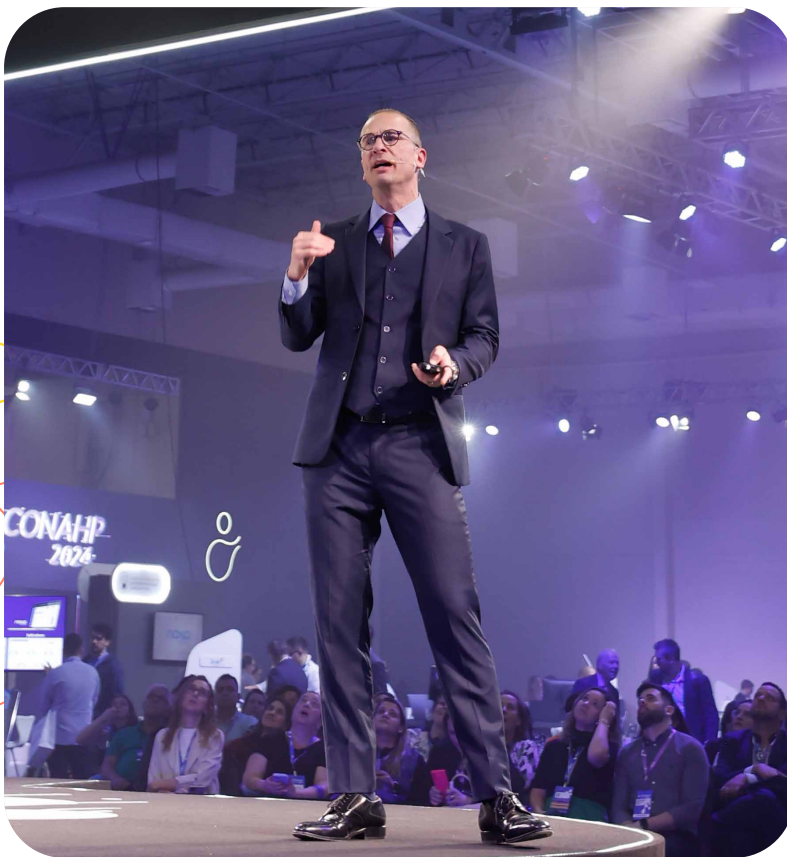
A ação relacionada ao “M”, de movimento, é a contagem do número de passos, reconhecidamente um parâmetro de saúde, segundo Schestatsky. “Dar menos de 5 mil passos [por dia] é incompatível com a vida. Chegar aos 10 mil por dia teria que ser o norte de

cada um de nós porque, assim, temos a possibilidade de ter uma prevenção efetiva da doença de Alzheimer e melhorar nossa flora intestinal, por exemplo.” Segundo o médico, cuidar do intestino traz benefícios significativos para a saúde de modo geral, pois praticamente todas as doenças podem ser impactadas pela disbiose intestinal, até mesmo as mentais.

Outra atividade sugerida pelo médico, ainda no quesito “Movimento”, é a prancha, um exercício simples, porém bastante eficaz, já que trabalha 90% dos músculos do corpo. “Com ela, podemos evitar a sarcopenia, também conhecida como o Alzheimer do músculo”, declarou.

A letra “A”, do MAP, se refere à alimentação. Schestatsky dividiu a dieta mediterrânea em “sete pérolas”, que se alinham às sete semanas do programa. Elas incluem:

- Beber muita água, cerca de dois litros por dia;
- Se servir de pequenas porções, que é também reconhecidamente um dos maiores fatores do aumento de longevidade;
- Evitar o consumo de carboidratos nos extremos do dia, como manhã e noite



Schestatsky é CEO da NEMO Neuromodulação e autor do best-seller “Medicina do Amanhã”.

(idealmente centralizando-os apenas no almoço);

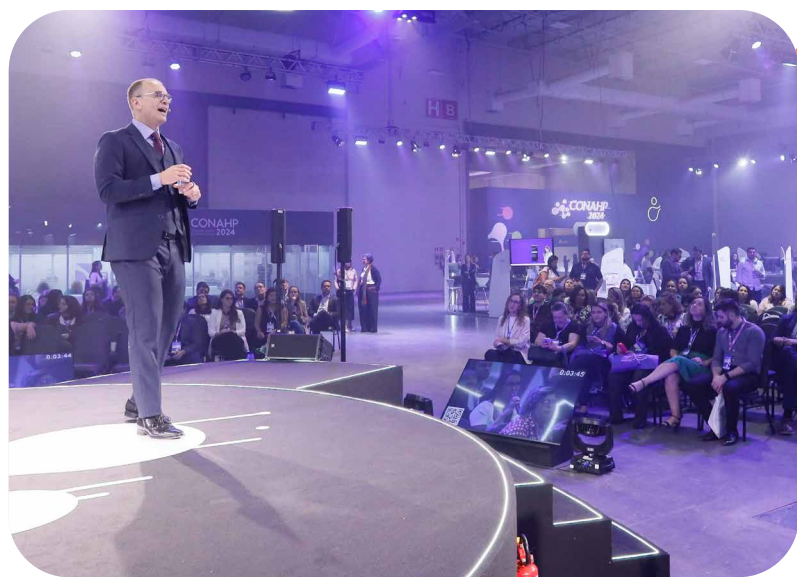
- Consumir cerca de 500 gramas de verduras por dia, já que a salada pode ser considerada um prebiótico (alimento para as bactérias do sistema digestivo) benéfico ao cérebro;
- Consumir gorduras boas, como azeite, ovos, castanhas, abacate, entre outras;
- Consumir alimentos fermentados como kombucha, kefir, gengibre em conserva, beterraba fermentada, leites fermentados, entre outros;
- Fazer jejum à noite, definido por um intervalo de três horas entre jantar e dormir.

Por fim, o último elemento da fórmula MAP, a letra “P” em referência a pensamento. Com isso, Schestatsky falou sobre a importância de práticas similares à meditação como benefício fisiológico. Em seu programa, a recomendação é que a pessoa comece praticando durante um minuto ao acordar ou antes de dormir aplicando a respiração “cinco”: cinco segundos respirando e cinco segundos expirando. “O foco é chegar em sete minutos desse exercício. Isso faz com que tenhamos uma redução da pressão arterial, do cortisol (hormônio do estresse) e um aumento de 30% na capacidade de oxigênio do sangue”, detalhou. A manutenção do sono e o manejo de pensamentos tóxicos também estão incluídos neste pilar.

Já sobre a “medicina parceira”, o médico destacou o conceito de *big data* humano, em que é possível realizar uma avaliação ômica abrangente de um indivíduo, incluindo a sequência de DNA e RNA e, pelo menos, alguma caracterização do proteoma, metaboloma, microbioma, autoanticorpos e epigenoma. Esses dados e informações individuais e singulares criam uma oportunidade para melhorar o tratamento médico e desenvolver estratégias preventivas. “A expectativa é que, no futuro, esses dados individuais sejam usados para guiar o paciente em suas decisões médicas”, disse.

Schestatsky finalizou provocando a plateia sobre quem será o médico do futuro: “Alexa, ChatGPT, Siri, Google Assistant?”, perguntou. Segundo dados do relatório “The future of employment: how suppress are jobs to computerisation?” (O futuro do emprego: quão suscetíveis são os empregos à informatização?), existe um risco mínimo de 0,4% dos médicos serem extintos até 2050. “Para aqueles que temem ser substituídos pela tecnologia, saibam que ela aproxima as pessoas, ao contrário do que se pensava. Cada minuto extra de consulta reduz em 16% a readmissão hospitalar. Ou seja, a tecnologia vai fazer com que o médico dedique menos tempo a funções burocráticas e tenha mais tempo para se dedicar ao paciente.”

Schestatsky finalizou provocando a plateia sobre quem será o médico do futuro: “Alexa, ChatGPT, Siri, Google Assistant?”, perguntou. Segundo dados do relatório “The future of employment: how suppress are jobs to computerisation?” (O futuro do emprego: quão suscetíveis são os empregos à informatização?), existe um risco mínimo de 0,4% dos médicos serem extintos até 2050. “Para aqueles que temem ser substituídos pela tecnologia, saibam que ela aproxima as pessoas, ao contrário do que se pensava. Cada minuto extra de consulta reduz em 16% a readmissão hospitalar. Ou seja, a tecnologia vai fazer com que o médico dedique menos tempo a funções burocráticas e tenha mais tempo para se dedicar ao paciente.”



Schestatsky acredita que a tecnologia vai fazer com que o médico dedique menos tempo a funções burocráticas e tenha mais tempo para se dedicar ao paciente.



A jornalista Izabella Camargo falou sobre burnout e apresentou um manifesto que chamou de EPIs da saúde mental.

Cultura corporativa precisa valorizar a saúde mental como estratégia nos negócios

Não há nada mais atual do que falar sobre saúde mental. Muitos especialistas consideram que vivemos uma epidemia de doenças mentais e, portanto, o futuro da saúde precisa passar necessariamente por este assunto. Os congressistas do Conahp 2024 tiveram a oportunidade de ouvir a jornalista Izabella Camargo que, a partir de sua experiência pessoal, falou sobre a síndrome de *burnout* e altos níveis de estresse relacionados a trabalho, e destacou as dificuldades relacionadas a diagnóstico e tratamento.

Camargo defende a criação do que chamou de “EPIs da saúde mental” (equipamentos de

proteção individual) e um manifesto em prol desses elementos visando a envolver líderes, gestores de RH, médicos do trabalho e profissionais de saúde e segurança para desenvolver uma cultura que valorize a saúde mental como uma estratégia essencial dos negócios.

Dentre os EPIs destacados pela jornalista estão a necessidade de segurança psicológica; o estabelecimento de regras claras (comunicação transparente); o direito à desconexão nos períodos entre as jornadas de trabalho e à flexibilidade de rotinas; acesso facilitado à terapia; promoção de práticas educacionais sobre saúde financeira;

implementação de ferramentas de gestão de tempo; entre outros. Tudo isso para que as pessoas possam trilhar um caminho profissional saudável, sem comprometer a saúde.

Para a jornalista, o adoecimento da mente pode começar a ocorrer quando os indivíduos passam a buscar formas para equilibrar vida pessoal e profissional, o que, em sua opinião, é um grande erro, já que “a vida é uma só”. E destacou: “O trabalho vem mudando, e vemos nas startups um exemplo claro disso, mas a forma de trabalhar não está acompanhando”.

Na opinião de Camargo, é es-

sencial que a sociedade deixe de encarar como tabu e passe a abordar com mais clareza temas delicados relacionados a ambientes e situações de trabalho, como o assédio moral. Parte desse movimento deve ser para que as pessoas compreendam que têm o direito de assumir e compreender que têm um problema de saúde mental, assim como acontece quando as dores são físicas.

Ela também ressaltou que o estresse tem um papel importante e até mesmo positivo, quando encarado como um sinal natural do organismo de que há algo de errado acontecendo. “O tempo todo vivemos situações que podem ser consideradas uma oportunidade ou uma ameaça. O que importa não é o que acontece com você, mas a maneira como você reage”, declarou a jornalista.

Camargo fez um alerta e chamou a atenção para alguns sinais que podem surgir em quadros de estresse crônico e a dor física é um dos primeiros sintomas. Considerando uma situação mais grave e não tratada, esses sinais podem vir em forma de agressividade, isolamento e até mesmo ideação suicida.

Para ela, está claro que, num mundo em que as corporações têm adotado o ESG como seu

principal discurso, as pessoas têm vivido de maneira insustentável. Foi a partir desta ideia que Camargo criou o conceito de “produtividade sustentável”, em que três pontos se destacam:

- Continuar fazendo o que ama ou mudar de ambiente;
- Equilibrar objetivos pessoais e profissionais;
- Ter longevidade com autonomia.

Para a jornalista, a comunicação é uma ferramenta essencial para garantir segurança psicológica e fomentar uma relação saudável entre líderes e liderados. As equipes precisam compartilhar a crença de que ali existe um ambiente seguro para tomar decisões arriscadas ou para sinalizar quando algo não vai bem. “A segurança psicológica promove a diversidade de ideias e incentiva a inovação”, afirmou Camargo.

Ela também destacou a importância da manutenção da saúde mental que, em sua visão, passa por cinco atitudes básicas: tempo de sono adequado, higiene pessoal, tempo para o lazer, alimentação equilibrada e prática de atividades físicas. “Igualmente importante é fazer o que chamo de ‘turismo ou intercâmbio interno’, um momento em que nos dedicamos

a responder [para nós mesmos] algumas perguntas como: quais as minhas necessidades básicas, como está minha saúde, meus relacionamentos, o que pode ser delegado, e o que é negociável e inegociável”, sugeriu.



Garth Graham abordou as perspectivas de saúde para Google e YouTube no Palco Saúde do Futuro.

“Sabemos o quanto nossas plataformas são vitais para a jornada do paciente”, declarou o diretor de Saúde do Google

Abrindo o segundo dia do palco Saúde do Futuro, o Conahp promoveu um debate para discutir o papel da internet e de plataformas como Google e YouTube na promoção e cuidados com saúde e como esse acesso pode impactar tanto a vida das pessoas quanto os sistemas de saúde. Segundo dados da pesquisa “Saúde do Brasileiro – 2023”, que ouviu mais de 1.100 pessoas em todo o país pela Hibou (empresa de pesquisa e *insights* de mercado e consumo), a internet é o “pronto-socorro” de quase metade da população (45%), que costuma buscar respostas online ou prefere consultar amigos antes de ir ao médico.

A grande questão é: como garantir que as informações que estão sendo acessadas são confiáveis? E mais: como evitar que a saúde das pessoas seja prejudicada por estas informações? Foram questões como estas que levaram o Google e o YouTube a passarem a investir na produção de conteúdo de qualidade, baseado em evidências e chancelado por instituições e profissionais de saúde.

Garth Graham, diretor e chefe global de Saúde e Saúde Pública no Google Health/YouTube, destacou que sua experiência à frente das plataformas mostra que as pessoas fazem per-

guntas sérias sobre sua saúde e tomam decisões com base nas respostas que recebem. “Os cuidados com a saúde começam antes de a pessoa chegar ao hospital. Quando o indivíduo tem um sintoma ou um indicativo de que há algo errado, a primeira coisa que faz é uma busca no Google. (...) Por isso, trabalhamos com especialistas em saúde para fornecer informação em larga escala com qualidade. Sabemos o quanto nossas plataformas são vitais para a jornada do paciente.”

Segundo o diretor, cerca de 2 milhões de pessoas no mundo buscam todo tipo de informa-

ção no Google e mais de 500 horas de conteúdo são carregadas no YouTube a cada minuto. Só em 2023, a plataforma de vídeos recebeu 1,3 milhão de conteúdos sobre saúde e, só os usuários brasileiros (cerca de 120 milhões) representam 4 bilhões de visualizações nesta categoria.

É por números como esses que o Google tem trabalhado para transformar o YouTube em um disseminador de informação sobre saúde. Garth destacou que o objetivo não é apenas levar conteúdo, mas sim disponibilizar a melhor informação

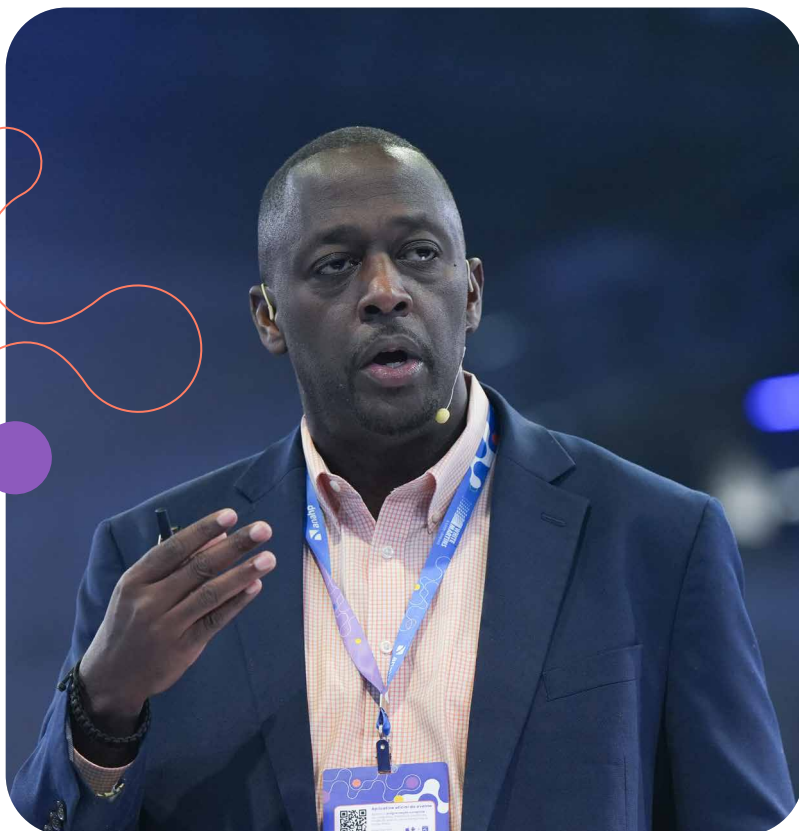
possível, com qualidade e respaldo da ciência.

Parte importante deste trabalho tem sido buscar compreender como as pessoas estão se engajando com as informações de saúde para, então, conseguir atender melhor às suas necessidades. “Estamos investindo em ajudar as pessoas a articular e entender informações importantes sobre saúde – desde sintomas até mesmo condições crônicas”, explicou o diretor. Mas, além disso, há o desafio do formato. Segundo ele, a busca por informação rápida no YouTube

é o que tem surgido com mais força e, sabendo disso, o desafio é desenvolver conteúdos que atendam ao formato sem deixar a qualidade e a segurança de lado.

Para entender melhor este cenário e entregar a melhor solução possível, estão sendo realizadas análises com base em três pilares: contexto, qualidade e conectividade da informação. O pilar relacionado ao contexto diz respeito a entender como as pessoas recebem e se engajam com a informação. Comunidades de renda mais baixa, por exemplo, preferem consumir conteúdo por vídeo, segundo Garth. A qualidade tem a ver com precisão, autenticidade e acessibilidade de informações. Neste contexto, pode-se pensar em aumentar o volume de informações de alta qualidade vindo de fontes confiáveis, como médicos, e investir na criação de programas educacionais sobre alfabetização digital e em saúde, por exemplo.

O terceiro pilar considera o grau de conectividade das pessoas, e uma baixa conectividade pode estar relacionada a questões que vão desde a conexão de internet em si, à falta de hardware ou, até mesmo, à censura política. Então, melhorar a conectividade deve passar por iniciativas relacionadas ao aumento da cobertura de



Graham contou sobre as iniciativas que as plataformas têm adotado para oferecer informações confiáveis sobre saúde.

internet, incentivo ao uso de dados de acesso aberto e subsídios de internet para famílias de baixa renda.

Uma das novidades já oferecidas pelo YouTube é que, agora, o usuário pode encontrar informações específicas sobre primeiros socorros. “Quando alguém fizer buscas que remetam a esses cuidados, imediatamente terá acesso a uma informação rápida que o ajude a resolver o problema.”

Os primeiros conteúdos que podem ser encontrados são sobre infarto, acidente vascular cerebral (AVC),

reanimação cardiopulmonar, entre outros. No Brasil, o usuário tem acesso a um passo a passo para situações emergenciais produzido por parceiros do YouTube, como Ministério da Saúde, Instituto Butantan e hospitais renomados, como Einstein, Sírio-Libanês e outros.

Outra iniciativa destacada por Graham é a remoção de conteúdos que gerem desinformação, como conceitos não baseados em evidências científicas ou que sejam antivacina, por exemplo. “Esta é uma forma de combatermos *fake news* que são publicadas diariamente so-

bre o tema. Precisamos investir tempo e dinheiro na elaboração de informação de qualidade e, por isso, contamos com o apoio de médicos, organizações governamentais, sociedades médicas e demais atores desse ecossistema”, declarou.

O diretor finalizou destacando o papel da inteligência artificial no setor de saúde e sua capacidade de sintetizar estudos científicos, traduzindo-os em informações mais simples, de fácil entendimento. “As pessoas precisam se sentir donas de suas informações de saúde e a inteligência artificial pode ajudar nessa jornada.”





O Palco Saúde do Futuro contou com apresentação de Guilherme Hummel (EMI) e Hugo Campos (PCORI).

Agentes de IA relacional são tendência no cuidado e abrem espaço para o “e-patient”

Desde a primeira implantação de um prontuário eletrônico, que ocorreu em 2004 nos Estados Unidos, o cenário das inovações na área da saúde já evoluiu bastante e o setor continua se movimentando com a chegada, sempre constante, de novas tecnologias. No painel focado em debater agentes de inteligência artificial (IA) nos cuidados da saúde, Hugo Campos, pesquisador associado no Patient-Centered Outcomes Research Institute (PCORI), e Guilherme Hummel, diretor do e-Health Mentor Institute (EMI), falaram sobre como essas inovações têm contribuído para a melhoria da assistência

e para o empoderamento do paciente, impactando também na relação com o médico.

Campos sinalizou que a grande tendência hoje é a inteligência artificial relacional, um modelo de IA generativa que faz uso de uma linguagem mais natural, facilitando ainda mais a interação com as pessoas. Mas este é só o começo: “Para o CEO da Meta, por exemplo, em breve viveremos em um mundo onde haverá centenas de milhões, bilhões de diferentes agentes de IA. Esses agentes terão o papel de ajudar os pacientes a terem cada vez mais autonomia no controle da sua saúde”.

Nesse contexto, Campos falou sobre o e-patient, caracterizado como um consumidor de saúde que participa ativamente do seu próprio cuidado, especialmente fazendo uso de ferramentas digitais por meio de smartphones e diferentes modelos de dispositivos vestíveis. No mundo da IA, este comportamento tende a ser cada vez mais potencializado, já que o acesso às informações está cada vez mais facilitado.

Um exemplo dessa evolução, destacado pelo pesquisador, é o anúncio recente da nova ferramenta da empresa OpenAI, chamada Strawberry, que tem a

capacidade de “pensar” antes de responder. Esta novidade foi desenvolvida para ir além das respostas rápidas como as do ChatGPT, oferecendo ao usuário solução para problemas mais complexos.

A Strawberry, segundo a OpenAI, é o segundo estágio de uma lista de cinco na evolução da inteligência artificial, junto ao chatbot (IA com linguagem de conversação), raciocinadores (ferramentas que solucionam problemas em nível humano), agentes (sistemas que podem

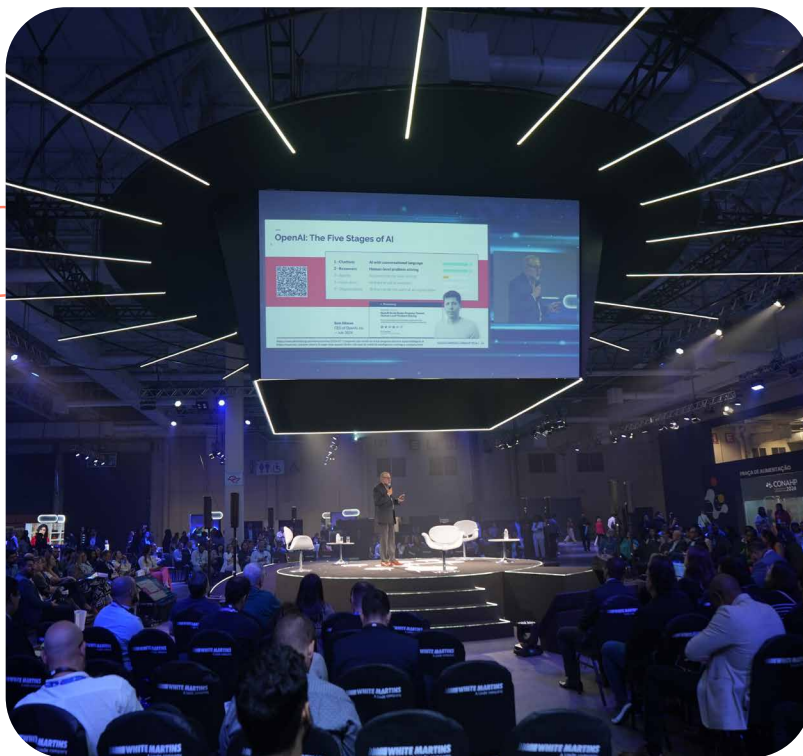
realizar ações), inovadores (IA que pode auxiliar na inovação) e organizações (IA que pode fazer o trabalho de uma organização). “Essa natureza relacional é diferente da IA preditiva, e levanta questões éticas sobre como ela deve ser usada”, alertou Campos.

Além das muitas questões de cunho ético, em pauta entram também os debates sobre a prática médica e o impacto desses avanços tecnológicos na relação médico-paciente. Hugo Campos falou sobre a

sua percepção de que há um certo afastamento dos médicos devido ao novo cenário. “Temos vivido uma escassez de médicos, e tarefas que antes eram exclusivas desses profissionais estão sendo realizadas por especialistas de outras áreas da saúde. Agora, com o uso da IA generativa e relacional avançando, o último bastião da medicina, a empatia, tende a desaparecer.”, disse.

Guilherme Hummel falou sobre a importância deste profissional olhar para os assistentes virtuais como aliados, ou seja, ferramentas que apoiarão a prática da medicina. “Dentro de três a quatro anos, todos os profissionais utilizarão essa tecnologia porque as instituições de saúde precisarão cada vez mais desse apoio para atender à alta demanda de pacientes”, afirmou Hummel.

Na avaliação do especialista, o primeiro passo do assistente virtual nesse novo mundo é a transcrição da consulta médica, o que permite ao médico se dedicar mais na interação com o paciente durante a consulta. E o segundo, na visão de Hummel, é a possibilidade de se comunicar com esses assistentes em linguagem vocal.



Para Hugo Campos, a grande tendência hoje no campo da tecnologia é a IA relacional.



Kauê Melo (Samsung Brasil) e Adilson Dubiela (Fresenius Kabi) estavam entre os palestrantes do Palco Saúde do Futuro.

Sessão patrocinada:



Para construir o hospital do futuro, instituições ainda precisam investir em cultura, profissionalização e processos mais concisos de digitalização

Será que o setor está maduro o suficiente para adotar tecnologias disruptivas e se aprofundar na construção do verdadeiro hospital do futuro? Esta foi a provocação que norteou a plenária com o tema “Construindo hoje o hospital do futuro”, patrocinada pela Carenet. Para os debatedores, o primeiro passo para avançar deve ser garantir a boa aplicação e consolidação de ferramentas fundamentais para o bom funcionamento das instituições.

Para Diógenes Silva, CEO e fundador da Anestech Innovation

Rising, “pecamos na assistência porque ainda não temos uma capacidade de análise preditiva mais assertiva”. A inteligência artificial é uma boa solução para este quadro, porém, ainda há outras etapas pela frente – até mesmo mais simples – que ainda precisam ser resolvidas.

Para Eduardo Sleiman, diretor de Transformação Digital da Boston Scientific do Brasil, não adianta falar em tecnologia quando as instituições ainda enfrentam desafios relacionados à maturidade. A conscientização das lideranças,

por exemplo, precisa ser o ponto de partida. Além disso, como pontuou Adilson Dubiela, gerente de Marketing e Operações da Fresenius Kabi, muitas instituições de saúde ainda estão tentando resolver questões relacionadas à digitalização de dados e ao uso da rede Wi-Fi, que não é permitido em alguns hospitais por questões de segurança. “Só depois que soubermos trabalhar nossos dados é que poderemos buscar a inteligência artificial para nos ajudar em nossos processos”, declarou.

Ainda nesse contexto, Cláudio

Giuliano, CEO da Folks, lembrou da importância dos processos de certificação e acreditação e comentou que, apesar da relevância, os hospitais precisam compreender que há uma distância considerável entre tecnologias avançadas e a realidade de grande parte das instituições de saúde. “Antes de pensar em uma certificação, é preciso ter o processo do ‘como fazer’ organizado. Não há como discutir internet das coisas, por exemplo, se a rede de dados não funciona.”

Além de questões internas dos hospitais, foi apontado também como um obstáculo a ser superado a ainda difícil aceitação do mercado em relação à conectividade entre equipamentos e sistemas. Segundo Kauê Melo, diretor sênior da Divisão B2B da Samsung Brasil, opções e oportunidades não faltam já que hoje existem diversas soluções que visam apoiar tomadas de decisão na assistência por meio de *devices* aptos à integração de dados, como alguns produtos oferecidos pela própria Samsung.

Daniel Nobrega, gerente de Engenharia da Samtronic, pontuou a questão da falta de interoperabilidade e como ela impacta os gestores, pois é exigida desses profissionais uma carga cognitiva elevada para entendimento e acompanhamento dos dados gerados em diversos painéis, exatamente por não existir conectividade entre as informações. “Com

isso, a atenção que deveria estar sendo dada ao paciente está direcionada para a tecnologia”, disse.

Neste contexto, o Dubiela falou sobre oportunidades que acabam sendo desperdiçadas enquanto as instituições patinam nas etapas iniciais para implementação de novas soluções tecnológicas. Um exemplo usado pelo gerente são as bombas de infusão, equipamentos de alta complexidade que, segundo ele, ainda sequer são considerados dentro do contexto da captura de dados. Nobrega reforçou que “a bomba de infusão é uma geradora de dados importantes, mas não sabemos como integrar todas essas informações”.

Uma outra amostra desse atraso no setor é a área de anestesiologia que, segundo Diógenes Silva, ainda está presa ao passado. O CEO da Anestech Innovation Rising apontou que o dia a dia do anestesista ainda tem no papel e na caneta suas principais ferramentas de trabalho. E este cenário parece ainda mais alarmante quando considerado que a maior demanda dentro dos hospitais é cirúrgica e que os procedimentos

relacionados geram uma quantidade considerável de dados.

Cláudio Giuliano destacou a importância de os investimentos serem feitos com base em uma estratégia digital, e não de maneira isolada, em ferramentas de interconectividade ou de inteligência artificial. “Temos dados internos que mostram que apenas 13% das organizações de saúde no Brasil possuem estratégia digital. Isso significa que as outras 87% podem estar focando seus investimentos de maneira inapropriada”, declarou o CEO da Folks. Daí a importância de as instituições de saúde contarem com profissionais de tecnologia da informação que detenham conhecimento sobre o negócio e de interlocutores que entendam de processos e de tecnologia.

Eduardo Sleiman reforçou que, apesar dessa realidade, é importante que as instituições não desanimem e mantenham o foco no futuro para alcançar as melhorias necessárias, sempre levando em conta que as soluções tecnológicas têm grande potencial para “ajudar na tomada da melhor decisão”.



Cláudio Giuliano (Folks) e Daniel Nobrega (Samtronic) durante debate.



Darren Lacey, da Johns Hopkins Medicine, se apresentou no palco que discutiu gestão e segurança de dados

IA e machine learning são a base do futuro da gestão de dados no setor, mas segurança pede investimento na mesma medida

“O futuro da gestão de dados em saúde e da cibersegurança está relacionado ao uso da inteligência artificial e do *machine learning*.” Foi com essa frase que Darren Lacey, diretor de Segurança da Informação na Johns Hopkins Medicine, começou sua apresentação no palco Saúde do Futuro.

Lacey destacou o que hoje considera uma das principais ameaças à segurança de dados das companhias: o *ransomware*, um tipo de código malicioso que torna inacessíveis os dados armazenados em um equipamento, geralmente usando criptografia, e que exige pagamento

de resgate para restabelecer o acesso ao usuário. “Esse tipo de ataque tornou-se uma ocorrência quase diária, representando sérias ameaças à segurança do paciente”, declarou.

No entanto, há caminhos para tornar o ambiente digital mais seguro nas instituições. Segundo o diretor, entre as práticas que podem ser adotadas estão o investimento em segurança de rede (por exemplo, firewalls), no gerenciamento de identidade e acesso, na autenticação multifator, na autorização de usuários e administradores e em aplicativos e interfaces.

Lacey também explorou o papel dos chamados LLM (Large Language Models), modelos de inteligência artificial que utilizam técnicas de *machine learning* para entender e gerar linguagem humana, como textos e imagens. Mas fez um alerta: “Os LLMs nutrem a internet e, quando eles erram, temos o problema de ‘amplificação’ de uma informação incorreta, o que pode agravar uma de nossas maiores preocupações atuais, que é a proliferação das *fake news*. No futuro, imagino que cada organização deverá ter uma espécie de ‘guardião da verdade’ devido ao imenso volume de informações falsas que circularão na rede”, disse.

Uma solução possível para esse tipo de ameaça pode estar em uma nova arquitetura de rede chamada Transformer, que se baseia exclusivamente em mecanismos de atenção e elimina a necessidade de redes neurais recorrentes ou convolucionais. As vantagens do modelo Transformer sobre as abordagens existentes são a redução da complexidade computacional e o aumento da paralelização, superando modelos anteriores em termos de qualidade de tradução.

Segundo o diretor, as principais aplicações da rede neural Transformer são tradução automática; geração de texto coerente; resumo e compreen-

são de documentos; reconhecimento de fala, convertendo a linguagem falada em texto escrito; resposta a perguntas (ele pode processar uma pergunta e gerar respostas relevantes); reconhecimento de imagem.

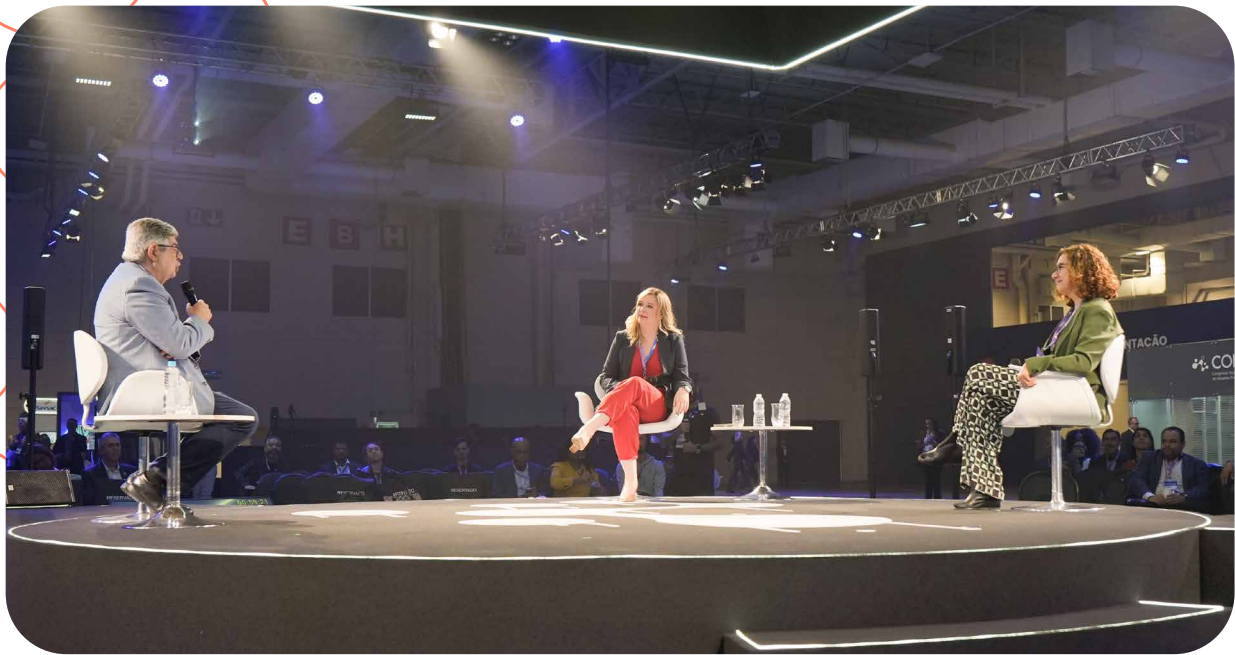
Lacey destacou que a confiança é a base da cibersegurança. "Se o sistema falha, perdemos a confiança e não vamos mais usá-lo. O que temos que fazer é remodelar a segurança para que ela seja mais resiliente, ou seja, que uma companhia possa continuar operando mesmo diante de um ataque cibernético."

Segundo ele, as empresas de saúde precisam criar contro-

les adicionais de segurança para proteger os dados sensíveis dos pacientes. Por fim, Lacey fez um alerta dizendo que a inteligência artificial não foi criada para realizar diagnósticos, mas sim para estruturar os dados disponíveis e, assim, auxiliar o médico no diagnóstico, além de poder contribuir com o paciente ao traduzir para uma linguagem mais simples as informações sobre sua saúde.



Lacey acredita que o futuro da gestão de dados em saúde e da cibersegurança está relacionado ao uso da inteligência artificial e do machine learning.



O papel da imprensa na transformação do sistema de saúde do futuro foi tema de debate.

Dados atualizados e transparência estão entre os desafios enfrentados pelo jornalismo especializado em saúde

O debate sobre o papel da imprensa que cobre o setor de saúde, que encerrou a programação do palco Saúde do Futuro, contou com a participação de Claudia Collucci, repórter na Folha de S. Paulo; Natalia Cuminale, jornalista especializada em saúde e fundadora do Futuro da Saúde; e com a moderação de Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp – Associação Nacional de Hospitais Privados.

O primeiro assunto em pauta foi o desafio de cobrir um setor com demandas diversas e assuntos múltiplos e, na outra ponta, con-

forme avaliou Cuminale, poucos jornalistas especializados. Para ela, o jornalista de saúde tem um papel relevante, que diz respeito, principalmente, a estimular o setor a buscar soluções para os diversos problemas da área.

Mas há também o desafio de criar e cultivar um canal aberto de comunicação entre as instituições e os veículos de informação. “Há muito a melhorar neste sentido. Além de não haver clareza na mensagem que quer ser passada, com muito uso de jargões, falta transparência em relação a dados”, destacou Collucci.

A jornalista compartilhou que esta é justamente uma das questões que mais a angustia na profissão. Além de considerar haver falta de transparência em relação aos indicadores de saúde, em sua opinião o Brasil ainda precisa desenvolver uma cultura de divulgação dessas informações para que as pessoas aprendam e possam escolher hospital de acordo com taxas como infecção ou reinternação, por exemplo.

Cuminale foi além e trouxe a preocupação por não haver um órgão ou instituição que cubra mais especificamente a transparência de dados dos hospi-

tais. “O setor não tem maturidade suficiente para perceber o quanto é importante que a sociedade tenha acesso a essas informações”, disse.

Outra questão, segundo as jornalistas, é a grande quantidade de dados desatualizados e que, mesmo via a Lei de Acesso à Informação, não podem ser acessados. “Quem tem poder sobre o dado decide quem pode ter acesso a ele”, alertou Cuminale.

O tema sempre polêmico sobre as notícias falsas não ficou de lado na discussão. Britto provocou as jornalistas ao perguntar se não falta rigor na fiscalização do que é dito e informado. “Certamente falta. Hoje vemos procedimentos sem evidência científica sendo divulgados por médicos, e também observamos muito disso na pandemia, com a indicação de cloroquina”, lembrou Collucci. Para a repórter, o combate à *fake news* é um esforço diário. “Mas não podemos desistir. O que precisamos, na minha avaliação, é encontrar meios mais efetivos de disseminar a notícia real. Temos que usar mais as plataformas com as quais as pessoas se conectam para se informar.”



Natalia Cuminale, jornalista especializada em saúde e fundadora do Futuro da Saúde.



Claudia Collucci, repórter na Folha de S. Paulo.



Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp.